

ARQUEOLOGIA DO VALE DO RIO PIQUIRI, PARANÁ: PAISAGENS, MEMÓRIAS E TRANSFORMAÇÕES

Claudia Inês Parellada
Museu Paranaense, Dra.

Resumo

O vale do rio Piquiri corta o centro-oeste do Paraná e foi ocupada, segundo os dados já conhecidos, a partir de dez mil anos atrás por diferentes populações, abrangendo caçadores-coletores, ceramistas e agricultores, conquistadores e colonizadores europeus, entre outros. Pesquisas desenvolvidas de 2008 a 2012 identificaram paisagens transformadas, e os artefatos encontrados, as imagens e a tradição oral documentada somam-se para ampliar a compreensão da arqueologia da região.

Palavras-chave: Arqueologia do Paraná, Rio Piquiri, Arqueologia da Paisagem

Abstract

Piquiri's river valley cuts the central west of Paraná State and, according to the data already known, was occupied by different populations, including hunter-gatherers, farmers and potters, European conquerors and settlers, among others. Researchs conducted from 2008 to 2012 identified transformed landscapes, and the artifacts found, together with the images and documented oral tradition add up to broaden the understanding of the archeology of the region.

Keywords: Paraná's archaeology, Piquiri river, Landscape's archaeology

Introdução e Histórico das Pesquisas Arqueológicas

No estudo foi utilizado o enfoque da arqueologia pós-processual, pois as leituras contribuem para o presente através de uma análise crítica do passado, conforme discussões em Hodder (1988). A arqueologia não é o estudo do objeto, mas de processos de debate surgidos com a evidência material; afinal, a cultura material não reflete de forma passiva a sociedade, porém permite visualizar os diferentes grupos através da ação de indivíduos. Na atualidade o debate arqueológico concentra-se nas relações entre cultura material e sociedade, nas causas de mudanças sociais, econômicas e culturais, e na epistemologia e na inferência, ou seja, como interpretam o passado os arqueólogos (PREUCEL & HODDER, 1996).

A definição de conceitos teóricos é fundamental para analisar os dados recuperados, objetivando buscar a compreensão do uso do espaço, da duração da ocupação do sítio arqueológico, da morfologia dos acampamentos e aldeias, e das relações com a cultura material. Assim, neste trabalho buscou-se a caracterização dos vestígios arqueológicos em relação à estrutura da paisagem, usando metodologias referentes à geoarqueologia e a arqueologia da paisagem, por meio da adaptação de diferentes enfoques, tais como Hassan (1978), Binford (1988), Lanata (1997) e Ashmore & Knapp (1999).

Pesquisas anteriores no vale do rio Piquiri evidenciaram a existência de sítios arqueológicos, então, para caracterizar este patrimônio realizou-se uma síntese de dados conhecidos, através de análise bibliográfica referente à arqueologia, etno-história e história, além da utilização de

informações relativas ao Centro Nacional de Arqueologia/ IPHAN e ao Museu Paranaense, além das obtidas em campo. Todo o material coletado foi incorporado ao acervo do Museu Paranaense, sendo que depois estes vestígios poderão ser repassados às instituições culturais da região afetada se houver condições de conservação e/ ou exposição. Desenvolveram-se atividades de educação patrimonial, como as entrevistas com a população local dos municípios diretamente afetados pela obra em planejamento, e a entrega de publicações didáticas sobre a história e a arqueologia paranaense. A maioria dos entrevistados afirmou já ter visualizado materiais arqueológicos, como lâminas de machado e cerâmica, em áreas de plantações agrícolas. Também foram distribuídos materiais didáticos, em relação ao patrimônio arqueológico, em instituições dos municípios do vale do rio Piquiri.

Em dezembro de 1552, Ulrich Schmidel com indígenas Guarani saiu de Assunção buscando alcançar o Atlântico, chegando a São Vicente em 1553. Neste trajeto provavelmente atravessaram o vale do Piquiri, afinal, Maack (1968) pesquisou documentos recuperando parte do traçado do Caminho Indígena do Peabiru, cujo tronco principal parece ter passado junto à área de estudo. Guzman [1612 (2009)] e Montoya [1639 (1985)], no século XVII, relacionaram diferentes aldeias e grupos indígenas nessa área, com uma estatística controversa que ultrapassaria 40.000 famílias, a maioria Guarani.

As primeiras referências a existência de vestígios no vale do rio Paraná, e região, são de Ambrosetti (1895), que fez referências a presença Guarani na região no século XIX. Borba (1908) relata a existência, em 1876, de locais com aldeias de indígenas Jê no baixo e médio rio Piquiri.

Nimuendaju (1981) e Kozak et al. (1981) apontam vários relatos etnográficos e de viajantes sobre esta região, indicando aldeias Jê, Guarani e Xetá, até o século XX. As várias expedições de conquistas dos campos de Guarapuava também trazem informações sobre a região (BELLUZZO et al. 2003).

Virginia Watson (1947) descreveu as ruínas de *Ciudad Real del Guairá* (1557-1632), situadas hoje em Terra Roxa, Paraná, e tombadas pelo Conselho do Patrimônio Histórico e Artístico do estado do Paraná. Watson (1947) analisou a cerâmica coletada, além de fazer um amplo levantamento de dados históricos e arqueológicos. Os vestígios referentes a essa pesquisa estão atualmente sob guarda do Museu Nacional, do Rio de Janeiro. Silva (1961-62) aprofundou algumas discussões já levantadas por Watson, especialmente em relação à cerâmica Guarani.

Entre 1975 e 1983, Chmyz dirigiu o Projeto Arqueológico Itaipu, na área do eixo da barragem e do reservatório da usina de mesmo nome, cadastrando muitos sítios arqueológicos Bituruna, Umbu, Itararé-taquara, Tupiguarani e Neobrasileiro (CHMYZ, 1983).

Chmyz & Sauner (1971) cadastraram no município paranaense de Campina da Lagoa, junto a possíveis trechos do antigo caminho do Peabiru, uma série de sítios Itararé-Taquara, relativos a populações agricultoras e ceramistas Itararé-Taquara, alguns com estruturas semi-subterrâneas e aterros, além de uma ocupação pré-colonial.

Blasi et al. (1989) desenvolveram pesquisas no Tambo das Minas de Ferro, no município de Nova Cantu, onde havia fundição de ferro, extraído de jazidas das circunvizinhanças. Neste local, em 1570, foi fundada Villa Rica. Em 1589, devido a uma epidemia de gripe houve a transferência da cidade para junto a foz do rio Corumbataí no Ivaí, e então Villa Rica do Cantu se transformou no Tambo.

Parellada (1993, 1995, 1997) desenvolveu diferentes projetos arqueológicos no médio Ivaí, inclusive com o mapeamento das ruínas da segunda fundação da cidade espanhola de Villa Rica del Espiritu Santo (1589-1632) e de implantação de Museu no Parque Estadual de Vila Rica em Fênix, Paraná.

Em 1997, foram realizadas pesquisas históricas e arqueológicas por técnicos da Universidade Estadual de Maringá (UEM) em ilhas no Piquiri, município de Guaíra (NOELLI et al., 1997).

Parellada (2009, 2011, 2012) coordenou várias pesquisas arqueológicas na região, revelando novas informações sobre a arqueologia e a história da região.

Síntese sobre Sítios Arqueológicos no Vale do Piquiri

Pesquisas anteriores na região evidenciaram a existência de sítios arqueológicos no vale do rio Piquiri e circunvizinhanças, inclusive alguns relacionados ao Caminho do Peabiru. Deve ser observado que os limites geográficos atuais são diferenciados das antigas fronteiras culturais que existiram entre as variadas ocupações humanas que existiram na área. Também é importante destacar que as pesquisas arqueológicas sempre são realizadas por amostragem, assim mesmo com levantamentos executados na região de estudo têm-se apenas uma amostra de dados, que é comparada com as circunvizinhanças.

Com os dados levantados elaboraram as tabelas 1 a 3 nas quais constam as seguintes variáveis: o nome do sítio arqueológico, o município, as coordenadas geográficas em UTM (SAD 69)) do ponto central do sítio, as tradições arqueológicas às quais está filiado, e as referências bibliográficas.

As coordenadas do ponto central dos sítios estão apresentadas na Projeção Universal Transversa de Mercator, sendo a origem da quilometragem UTM o Equador e o Meridiano 51° W GR, acrescidas as constantes 10.000km (N) e 500km (E), respectivamente. O datum vertical é Imbituba, Santa Catarina e o horizontal é o SAD-69, a zona 22. A maioria destes sítios apresenta-se parcialmente destruído por atividades antrópicas, como agricultura e abertura de estradas, em geral os vestígios ocorrem desde a superfície até 30cm, em meio a matriz de sedimentos areno-argilosos marrom avermelhados.

Para colaborar na sistematização destes dados utilizaram-se também fotografias aéreas, voo 1980 do antigo Instituto de Terras e Cartografia do Paraná (ITC-PR), e imagens de satélite de 2009/ 2010 disponibilizadas pelo *Google Earth*. A metodologia baseou-se em Sabins Jr (1987), Grehs (1980) e Parellada (1989, 1995-96), procurando caracterizar anomalias de relevo, solo, e vegetação, com texturas, tonalidades e formas diferenciadas, que identificassem estruturas arqueológicas.

Em parte das áreas de pastagens ou plantações, é possível observar conjuntos de habitações, inclusive a definição de limites e dimensões de sítios-aldeia. A maioria das plantas das prováveis habitações parece retangular, apesar da aparência quase elíptica nas imagens causada pela decomposição e dispersão, da matéria orgânica das paredes e da cobertura original.

Tabela 1. Listagem dos sítios arqueológicos e históricos identificados no vale do rio Piquiri (parte 1).

N.	Sítio arqueológico/histórico	Coord. UTM/SAD 69	Município	Tradições/evidências	Referências bibliográficas
1	Fazenda São Pedro I	7.329.384 196.687	Francisco Alves	Tupiguarani	Parellada et al. (2012)
2	José Borella I	7.327.528 203.108	Palotina	Umbu	Parellada et al. (2012)
3	Fazenda Açú Piquiri I	7.326.208 195.595	Terra Roxa	Tupiguarani	Parellada et al. (2012)
4	Ciudad Real del Guairá (PR-FO-1)	7.338.410 185.520	Terra Roxa	Histórica, Neobrasileira, Tupiguarani	Guzman (1612), Watson (1947)
5	Terra Roxa A	7.338.875 186.400	Terra Roxa	Tupiguarani	Chmyz et al. (1999)
6	Água Pequena 1 PR-FO-53	7.338.500 184.500	Terra Roxa	Tupiguarani	Chmyz et al. (1999)
7	Terra Roxa B	7.337.950 185.000	Terra Roxa	Tupiguarani	Chmyz et al. (1999)
8	Fonte Grande (PR-FO-54)	7.337.850 184.000	Terra Roxa	Tupiguarani	Chmyz et al. (1999)
9	Água Pequena 2 (PR-FO-55)	7.337.600 184.950	Terra Roxa	Tupiguarani	Chmyz et al. (1999)
10	Clube dos Pescadores (PR-FO-56)	7.336.750 182.000	Terra Roxa	Tupiguarani	Chmyz (1983)
11	Pari Capitão Gembrê	7.320.944 227.520	Iporã	Coroados/Kaingang	Mapa histórico Paraná (1896), Borba (1908)
12	Santa Inez I	7.320.783 228.838	Iporã	Tupiguarani	Parellada et al. (2012)
13	Fazenda Boa Esperança I	7.317.099 241.960	Brasilândia do Sul	Itararé-Taquara	Parellada et al. (2012)
14	Ponte Piquiri PR-486 I	7.316.173 242.051	Assis Chateaubriand	Itararé-Taquara	Parellada et al. (2012)
15	Balsa Alto Piquiri I	7.318.485 262.661	Alto Piquiri	Bituruna	Parellada et al. (2012)
16	Fazenda Bela Vista I	7.320.402 262.940	Alto Piquiri	Tupiguarani	Parellada et al. (2012)

17	Areia Branca Apertado I	7.320.175 263.484	Alto Piquiri	Umbu, Itararé-Taquara	Parellada et al. (2012)
18	Cachoeira Guairacá II	7.329.933 263.611	Alto Piquiri	Itararé-Taquara	Parellada (2011a)
19	Recanto Apertado Piquiri I	7.320.148 263.916	Formosa do Oeste	Bituruna, Umbu, Itararé-Taquara, Geométrica	Parellada et al. (2012)
20	Cachoeira Guairacá I	7.330.449 263.917	Mariluz	Umbu	Parellada (2011a)

Tabela 2. Listagem dos sítios arqueológicos e históricos identificados no vale do rio Piquiri (parte 2).

N.	Sítio arqueológico/histórico	Coord. UTM/SAD 69	Município	Tradições/evidências	Referências bibliográficas
21	São João Goioerê I	7.335.529 266.246	Mariluz	Em análise	Parellada (2011a)
22	Fazenda Santa Mônica I	7.310.700 268.011	Quarto Centenário	Bituruna, Umbu	Parellada et al. (2012)
23	Ponte Centenário PR-180 I	7.302.308 281.079	Quarto Centenário	Umbu, Itararé-Taquara	Parellada et al. (2012)
24	Luis Rodrigues	7.298.467 281.537	Nova Aurora	Itararé-Taquara	Parellada et al. (2012)
25	Fazenda São Tomé I	7.298.218 281.109	Nova Aurora	Itararé-Taquara	Parellada et al. (2012)
26	Fazenda São Tomé II	7.297.899 281.388	Nova Aurora	Itararé-Taquara	Parellada et al. (2012)
27	Aterro Tiburtius PR-UB-13	7.298.803 283.932	Ubiratã	Itararé-Taquara	Chmyz & Sauner (1971)
28	Fazenda São Tomé III	7.297.438 281.361	Nova Aurora	Umbu, Itararé-Taquara	Parellada et al. (2012)
29	Carajá 3 PR-UB-12	7.297.094 282.222	Ubiratã	Itararé-Taquara	Chmyz & Sauner (1971)
30	Carajá 2 PR-UB-9	7.296.752 281.197	Ubiratã	Itararé-Taquara	Chmyz & Sauner (1971)
31	Pirambóia PR-UB-8	7.296.068 280.855	Ubiratã	Lítico	Chmyz & Sauner (1971)
32	Carajá 4 PR-UB-14	7.296.068 282.222	Ubiratã	Itararé-Taquara	Chmyz & Sauner (1971)
33	Estrada da Cantareira PR-UB-16	7.294.701 281.880	Ubiratã	Itararé-Taquara	Chmyz & Sauner (1971)
34	Aterro do Pasto PR-UB-11	7.295.043 283.248	Ubiratã	Itararé-Taquara	Chmyz & Sauner (1971)
35	Carajá 1 PR-UB-4	7.294.359 282.906	Ubiratã	Itararé-Taquara	Chmyz & Sauner (1971)
36	Campo de Futebol PR-UB-15	7.291.966 284.274	Ubiratã	Itararé-Taquara	Chmyz & Sauner (1971)
37	Toldo de Jongho	7.289.495 280.277 ?	Nova Aurora	Coroados/Kaingang	Mapa histórico Paraná (1896)
38	SINOP 1 PR-UB-5	7.285.470 296.923	Ubiratã	Itararé-Taquara	Chmyz & Sauner (1971)

39	SINOP 2 PR-UB-6	7.285.128 297.060	Ubiratã	Lítico	Chmyz & Sauner (1971)
40	Toldo Pinhãozinho	7.283.738 297.101 ?	Ubiratã	Coroados/ Kaingang	Mapa histórico Paraná (1896)
41	Pé de Galinha PR-UB-17	7.294.359 307.863	Ubiratã	Tupiguarani	Chmyz & Sauner (1971)
42	Milonguita PR-UB-18	7.293.675 308.205	Ubiratã	Tupiguarani	Chmyz & Sauner (1971)

Tabela 3. Listagem dos sítios arqueológicos e históricos identificados no vale do rio Piquiri (parte 3).

N.	Sítio arqueológico/ histórico	Coord. UTM/ SAD 69	Município	Tradições/ evidências	Referências bibliográficas
43	Rio Erveira PR-UB-7	7.282.735 306.838	Campina da Lagoa	Itararé-Taquara	Chmyz & Sauner (1971)
44	Afluente do Erveira PR-UB-3	7.282.735 311.282	Campina da Lagoa	Lítico	Chmyz & Sauner (1971)
45	Ermida N. Sra. Copacabana	7.270.917 299.218 Há dúvidas	Ubiratã	Histórica, Neobrasileira, Tupiguarani, Itararé-Taquara	Montoya (1628) MCA I (1951), Parellada (1997)
46	Tourinho PR-CO-1	7.267.350 295.897	Braganey	Itararé-Taquara	Chmyz & Sauner (1971)
47	Aeroporto PR-UB-1	7.280.050 316.068	Campina da Lagoa	Itararé-Taquara	Chmyz & Sauner (1971)
48	Três Buracos PR-RO-1	7.277.607 315.042	Campina da Lagoa	Itararé-Taquara	Chmyz & Sauner (1971)
49	Moch III PR-RO-3	7.276.239 315.042	Campina da Lagoa	Itararé-Taquara	Chmyz & Sauner (1971)
50	Moch I PR-UB-2	7.275.897 314.017	Campina da Lagoa	Itararé-Taquara	Chmyz & Sauner (1971)
51	Moch II PR-RO-2	7.275.555 314.700	Campina da Lagoa	Itararé-Taquara	Chmyz & Sauner (1971)
52	Roseira II PR-RO-5	7.272.479 312.991	Campina da Lagoa	Itararé-Taquara	Chmyz & Sauner (1971)
53	Morro Vermelho I PR-UB-10	7.271.453 311.282	Campina da Lagoa	Itararé-Taquara	Chmyz & Sauner (1971)
54	Morro Vermelho II PR-RO-6	7.271.453 311.966	Campina da Lagoa	Itararé-Taquara	Chmyz & Sauner (1971)
55	Estrada PR-RO-7	7.269.402 310.940	Campina da Lagoa	Itararé-Taquara	Chmyz & Sauner (1971)
56	Macuco 1	Indeterminada	Iporã	Tupiguarani	Noelli, in Oliveira (2002)

Arqueologia Regional : Caçadores-Coletores, Ceramistas e Arte Rupestre

Prospecções no vale do rio Piquiri resultaram em uma faixa de ocupação humana que vai desde grupos caçadores-coletores com sítios datados a partir de 10.000 anos AP (antes do presente, ou

seja, antes do ano de 1950). Desde 4.000 anos AP ocorrem também vestígios de povos ceramistas e agricultoras, Itararé-Taquara, e a partir de dois mil anos de povos Tupiguarani. Em alguns destes sítios ceramistas existem evidências de contato com sociedades ocidentais, depois do século XVI, observar tabela 4. Ainda são ricos os relatos etnográficos e de viajantes sobre esta região descrevendo a presença de várias aldeias de grupos Jê e Guarani, desde o século XVI até o século XX (NASCIMENTO, 1886; TAUNAY, 1888; BORBA, 1908; NIMUENDAJU, 1981).

Possivelmente entre 12.000 e 15.000 anos atrás, nos territórios que hoje abrangem o sul do Brasil e o nordeste da Argentina já existiam povos caçadores-coletores. No Paraná estão representados pelos Paleoíndios, da tradição Bituruna, e há 10.000 anos aparecem populações Umbu e Humaitá.

Tabela 4 - Periodização arqueológica para a área de estudo.

ARQUEOLOGIA	PERÍODO	GRUPOS	TRADIÇÕES
Pré-colonial	Desde 10.000 anos AP (antes do presente)	Caçadores – coletores	Bituruna
			Umbu
			Humaitá
	Desde 4.000 anos AP Desde 2.000 anos AP	Agricultores – ceramistas	Planalto
			Geométrica
			Itararé-Taquara
Histórica	A partir do século XVI	Europeus, jesuítas, índios contactados, membros de expedições de conquista, tropeiros, imigrantes	Tupiguarani
			Neobrasileira e Histórica

A tradição Bituruna é representada por sítios com grandes pontas de projéteis pedunculadas e foliáceas, além de grande variedade de raspadores, elaborados sobre lascas, microlascas e lâminas, geralmente a metade em sílexito. Em alguns sítios dessa região, houve reocupações, tanto pelos Bituruna como por grupos Umbu, Humaitá, e Itararé-Taquara.

No antigo município de Guaíra, agora subdividido, foram cadastrados vários sítios Bituruna durante as pesquisas arqueológicas da UHE Itaipu, especialmente junto às corredeiras do rio Paraná e afluentes (CHMYZ, 1983). Na elaboração de estudos no vale do rio Piquiri foram cadastrados os sítios Bituruna Balsa Alto Piquiri I, em Alto Piquiri, situado em vale, junto à plantação de soja e balsa, e Recanto Apertado Piquiri I, em Formosa do Oeste, além do Fazenda Santa Mônica I, em Quarto Centenário.

O sítio Bituruna/ Umbu Recanto Apertado Piquiri I, que possui gravuras rupestres e polidores fixos associados, situa-se no município paranaense de Formosa do Oeste, em vale, junto à área de lazer com corredeiras associadas e extensos afloramentos de rochas basálticas às margens do rio Piquiri. O sítio tem formato elíptico, medindo 250x 120 m, e os materiais afloravam à superfície, ocorrendo até 50 cm de profundidade, associados a matriz de sedimentos areno-argilosos marrom

avermelhados, com muitas raízes e radículas, e embasamento de basaltos da Formação Lavas da Serra Geral. Esta área foi perturbada pela oscilação do nível do rio Piquiri e adequação do local para fins turísticos e, assim, muitos líticos ocorriam superficialmente, com mistura dos diferentes níveis de ocupação. Foram recuperados 257 líticos, sendo a maioria em riolito e silexito, e secundariamente em basalto, arenito silicificado e geodo de quartzo.

Behling et al. (2004) observam que os planaltos do sul do Brasil, há 7.400 anos cal AP, estavam dominados por campos, em um clima mais frio e seco que o atual, e as araucárias provavelmente se restringiam a vales fechados e profundos e vertentes costeiras mais úmidas. Em épocas posteriores a 4.320 anos cal AP as araucárias se expandiram em redes de matas de galeria.

Com o clima tornando-se mais quente e úmido, há cerca de 7.000 anos, intensificou-se a quantidade de sítios arqueológicos de diferentes tradições tecnológicas de povos caçadores-coletores, relacionadas a distintos ambientes naturais: a Umbu, em áreas mais abertas, de campos e cerrados, a Humaitá, em regiões de floresta densa, e os sambaquis na costa litorânea.

A Tradição Umbu compreende os sítios pré-cerâmicos caracterizados, principalmente, pela grande presença de pontas de projéteis (KERN, 1981; SCHMITZ, 1984). A ocupação destas populações foi tanto em abrigos, sempre que os mesmos estivessem naturalmente disponíveis, como a céu aberto. Existem sítios multifuncionais com reocupação relativamente frequente, sendo alguns, somente estações de caça (SCHMITZ, 1991). Geralmente estão localizados próximos a arroios, rios, banhados ou lagoas. No Paraná ocorrem também nos vales dos altos rios Iguaçu, Tibagi, Ivaí, Ribeira, e litoral.

Os artefatos líticos típicos seriam pontas de projétil pedunculadas, triangulares, foliáceas, de formas e dimensões variadas, lascas, raspadores, furadores e percutores, aparecendo ainda talhadores, buris, grandes bifaces, lâminas polidas de machado, polidores e picões (SCHMITZ, 1984).

Trata-se de uma indústria sobre lascas, onde a matéria-prima mais utilizada é o riolito, seguido pelo silexito, basalto, arenito silicificado e quartzo cristal. As pontas de projéteis evidenciam retoques por pressão, sendo que estes retoques também aparecem em raspadores e facas. Ainda ocorrem furadores, bifaces, talhadores e plainas, além de grande quantidade de microlascas.

No vale do baixo Piquiri, foi cadastrado por Chmyz (1983) o sítio arqueológico Ilha do Alemão 2 (PR-FO-36) medindo 18x10m, com os vestígios ocorrendo entre 0,65 a 0,80m de profundidade.

Na elaboração de estudos no vale do Piquiri, Parellada (2012) cadastrou os sítios Umbu José Borella I, e o Fazenda São Tomé III. Os vestígios estão relacionados a acampamento temporário e oficina lítica de grupos Umbu, e a uma ocupação posterior por aldeia de ceramistas Itararé-Taquara. Também foram cadastrados no vale do Piquiri os sítios Umbu: Areia Branca Apertado I, Recanto Apertado Piquiri I, Fazenda Santa Mônica I, Ponte Centenário PR-180 I, e Cachoeira Guairacá I, a

maioria com mais de uma ocupação, tanto por caçadores-coletores Umbu como ceramistas Itararé-Taquara.

Em Mariluz, foram observados vestígios líticos de sítio Umbu, Cachoeira Guairacá 1 ou Salto Paiquerê, na frente de corredeiras do rio Goioerê, em área erodida por desmatamento e abertura de antiga pastagem. Também na Comunidade de São João, em Mariluz, foram verificados vestígios superficiais em área de terra preparada para o plantio.

A Tradição Humaitá compreende sítios pré-cerâmicos do interior que não possuem pontas de projétil líticas, mas tem grande proporção de artefatos sobre bloco, onde se destacam bifaces, talhadores, enxós, raspadores e furadores, associados a muitas lascas (KERN, 1981; SCHMITZ, 1984, 1991). São característicos os sítios-acampamento, multifuncionais, a céu-aberto, junto a cursos d'água, e mais raros, os em abrigos. Estes sítios concentram-se em vales de rios, com cobertura de floresta tropical e subtropical, ou seja, no Paraná situam-se principalmente nos vales dos grandes rios.

Existem muitas discussões sobre os sítios Humaitá, pois parte foi identificada apenas pela presença de grande quantidade de artefatos em bloco, podendo representar acampamentos de outros grupos culturais inclusive ceramistas (DIAS, 1994).

Nas cercanias, no baixo Ivaí, em Guaporema, Paraná, em 1957, foi escavado o sítio José Vieira, com o nível de ocupação mais antigo datado em 6.683 ± 335 a 5.241 ± 300 anos AP (GSY-78 e 80), conforme Laming-Emperaire (1968). Neste nível ocorriam unifaces e bifaces, associados a lascas espessas, inclusive uma ponta de flecha pedunculada, a quase 5m de profundidade. Neste sítio houve mais dois períodos com assentamento de populações, o nível intermediário Itararé-Taquara e o superior, Tupiguarani (LAMING & EMPERAIRE, 1959).

Chmyz (1983) descreve muitos sítios Humaitá junto ao eixo da barragem e reservatório da UHE Itaipu, que alcançam até o município de Guáira. O sítio PR-FI-21, localizado em Foz do Iguaçu, foi datado entre 6.910 ± 75 a 2035 ± 70 anos AP (SI-4994 e 4991), com mais três datas nesse intervalo, evidenciando várias ocupações diferenciadas em um mesmo local.

Há cerca de 4.000 anos, com o clima tornando-se mais quente e úmido, as florestas de araucária já em expansão, e as áreas de campos e estepes diminuindo, aparecem os primeiros vestígios de horticultores e ceramistas em território atualmente compreendido pelo Estado do Paraná, os da tradição Itararé-Taquara, e há dois mil anos: assentamentos Tupiguarani (PARELLADA, 2006)

A tradição Itararé-Taquara é característica das terras altas sul-brasileiras, cujas populações são relacionadas à família linguística Jê (CHMYZ, 1968b; SCHMITZ, 1991).

Os povos Jê meridionais teriam se separado e iniciado a migração, em direção ao sul, há mais de três mil anos, provavelmente buscando relevos semelhantes ao habitat originário (URBAN,

1992). Possivelmente houve troca genética e dinâmica cultural entre os povos que migravam do Brasil central e os caçadores-coletores já existentes em território paranaense.

A dieta alimentar baseava-se na coleta de pinhão e mel, na caça e pesca, no cultivo de milho, mandioca, feijão e abóboras, e no manejo ambiental de recursos naturais, alternando o extrativismo com a prática agrícola. O pinheiro araucária, e árvores com frutas importantes na alimentação, como o araçá, a pitanga, e o butiá, tiveram sua área de ocorrência multiplicada através da dispersão planejada de sementes em locais próximos às habitações e roças (PARELLADA, 2006). Ainda existiam várias estratégias de captura de animais, como os “pari”, armadilhas de pesca, descritos no Tibagi por Noelli et al. (1996), e está apontado um pari no Piquiri em mapa do Paraná de 1896.

A ocupação Itararé-Taquara foi, preferencialmente, em planaltos cobertos por campos associados a floresta subtropical com pinheiros araucária, havendo assentamentos em vales de rios, no litoral e na serra atlântica, nos abrigos, cavernas e estruturas semi-subterrâneas, com grande diferenciação de usos (CHMYZ, 1968a,b; CHMYZ & SAUNER, 1971; SCHMITZ, 1991). Existem referências a monólitos e alinhamentos de pedras, segundo Langer e Santos (2002), e sepultamentos com pedras, conforme discussões em Parellada (2006). Alguns sítios são multicomponenciais, geralmente com mais de uma ocupação Itararé-Taquara, reocupação por populações neobrasileiras, e outras mais recentes. Provavelmente parte das pinturas rupestres encontrada no Paraná seja Itararé-Taquara (PARELLADA, 2006), e as gravuras do médio Iguaçu por Chmyz (1968b, 1969) foram filiadas a essa Tradição.

A cerâmica caracteriza-se pelo pequeno volume e espessura fina, com eventual engobo negro ou vermelho, e em alguns casos com marcação de tecido ou malha, ou mesmo carimbos e incisões, na face externa dos vasilhames (PARELLADA, 2008), comuns no vale do rio Piquiri.

Os métodos de manufatura são o acordelado e o paleteado, e a queima resultou de oxidação incompleta, o que tornou a pasta com tons escuros. As espessuras dos fragmentos cerâmicos variam de 0,3 a 2cm, sendo que predominam os na faixa entre 0,4-0,6cm. Há bases convexas, e bordas diretas, extrovertidas, com lábios arredondados e planos. As formas são cilíndricas, esféricas ou globulares.

Os materiais líticos representativos são mãos de pilão, lâminas de machado lascadas ou polidas, geralmente em formato petalóide e raras vezes semi-lunar, talhadores, raspadores e lascas. Pontas em virote em rochas básicas, no leste e norte do Paraná, são comuns (PARELLADA, 2006).

Chmyz & Sauner (1971) descrevem vários sítios Itararé-Taquara, citando amoladores fixos, e apontando conjuntos de “casas subterrâneas”, associadas a duas formas de montículos para o médio vale do Piquiri: elípticas: alongadas, comprimento de 1,2 a 3m, altura de 0,4 a 0,5m, e em troncos de cone, com valetas circundantes, diâmetros de 4 a 13m, altura entre 1,5 e 2m, ocorrendo isoladas.

Descrições destes tipos de aterros entre os vales dos rios Piquiri e Iguaçu, por indígenas Jê, são feitas desde o século XVII, como nas Cartas Anuais Jesuíticas, algumas publicadas nos MCA I (1951).

Em 2012, foram cadastrados, em levantamentos de campo, os sítios Itararé-Taquara Luis Rodrigues, e Fazenda São Tomé I, II e III, todos no município paranaense de Nova Aurora. O sítio Fazenda São Tomé III, por ter uma ocupação anterior por grupos caçadores-coletores Umbu. Também foram cadastrados, conforme tabelas 1 a 3, os sítios Itararé-Taquara Ponte Piquiri PR-486 I, Fazenda Boa Esperança I, Areia Branca Apertado I, Recanto Apertado Piquiri I, Ponte Centenário PR-180 I, e Cachoeira Guairacá II, a maioria com mais de uma ocupação e por grupos diferenciados, tanto de caçadores-coletores como por ceramistas.

Em Alto Piquiri foram observados vestígios líticos de sítio Itararé-Taquara Cachoeira Guairacá 2, em topo na frente da cachoeira Guairacá ou Salto Paiquerê, junto ao rio Goioerê, onde existiam plantações agrícolas, torre de transmissão e estrada (PARELLADA, 2011a).

Em 1876, Telêmaco Borba (1908), explorando o vale do baixo Piquiri, reconheceu várias áreas de aldeias Coroados/ Kaingang, e no mapa do Paraná de 1896 está apontado o Toldo do Jongho, líder indígena, que na atualidade corresponde a um sítio histórico.

Nos sítios arqueológicos históricos relativos às comunidades espanholas da metade do século XVI, inclusive Ciudad Real, e às missões jesuíticas, do início do XVII, bem como em aldeias descritas por viajantes dos séculos XVIII a XIX, como Elliot (1847), Keller & Keller (1865), Borba (1908), e Mota (1998), já foram recuperados vestígios Itararé-Taquara.

As missões jesuíticas de Santo Antonio e San Miguel foram fundadas com índios Camperos, também denominados de Cabelludos e Coronados (MCA I, 1951), e as missões de Concepción de Nuestra Señora de Guañaños e San Pedro tinham como maioria da população índios Gualachos; esses grupos estão relacionados a indígenas da família linguística Jê (PARELLADA, 1997).

A Ermida de Nuestra Señora de Copacabana, missão jesuítica citada em documentos de 1628 (MCA I, 1951) e mapa de Blaeu, em 1635, cujas ruínas podem estar localizadas no município de Ubiratã, provavelmente devem conter vestígios Itararé-Taquara, Tupiguarani e Neobrasileiros.

Os sítios Tupiguarani estão relacionados aos índios Guarani e Tupi, e ancestrais ceramistas, praticantes de uma agricultura incipiente, que ocuparam as regiões com florestas úmidas do sul da América do Sul, desde dois mil anos atrás (BROCHADO, 1980).

No Paraná ocorrem em quase todo o território, aparecendo com maior frequência nos vales dos grandes rios, sendo a tradição Tupiguarani caracterizada pela cerâmica decorada, como a corrugada, a corrugada-ungulada, e pela pintura policroma em linhas geométricas vermelhas, marrons ou pretas sobre engobo branco. A dieta alimentar desses grupos baseava-se no cultivo de mandioca, milho, batata-doce e feijão; na pesca, caça e coleta de frutos, raízes e mel.

Os principais artefatos são lâminas de machado polidas ou lascadas, adornos labiais em forma de “T” (tembetás), lascas, raspadores, choppers, chopping tools, polidores em canaleta e pingentes polidos perfurados. Em sítios Tupiguarani são comuns os enterramentos em vasilhames cerâmicos tampados, onde havia a inserção dos objetos principais do morto, como lâminas de machado ou pequenas vasilhas (METRAUX, 1948). Muitos destes sepultamentos eram secundários, e algumas vezes dois ou mais esqueletos eram inseridos em um mesmo vasilhame, cuja função inicial era armazenar grãos, cozinhar alimentos e fermentar bebidas.

No município de Terra Roxa já foram pesquisados alguns sítios Tupiguarani, tais como: Terra Roxa A e B, Água Pequena 1 e 2, Fonte Grande, Clube dos Pescadores (CHMYZ et al., 1999), além de Ciudad Real del Guairá, fundada, entre 1556 e 1557, sobre uma antiga aldeia Guarani.

As dimensões dos sítios Tupiguarani na região variam de 30x25m a 300x 180m, e são frequentes vestígios associados já com influência europeia, o que caracteriza a cerâmica colonial, depois do século XVI. A maioria destes sítios mostrava-se impactado por atividades antrópicas, como a agricultura, a construção de casas, e ainda a abertura de estradas. Foram recuperados fragmentos cerâmicos, além de materiais líticos, sendo que os vestígios ocorriam desde a superfície até 30cm, em meio a sedimentos arenosos argilosos amarelados a acinzentados, com pedaços de carvão associados.

No município paranaense de Alto Piquiri foi cadastrado o sítio Tupiguarani Fazenda Bela Vista I, em plantações de soja e milho da Fazenda Bela Vista, de propriedade de Albino Valério.

A existência de aldeias Guarani, localizadas ao longo dos rios Piquiri e Paraná, são citadas em documentos dos séculos XVI a XIX, como Guzman [1612 (2009)], MCA I (1951), Taunay (1924) e Montoya (1985), e no século XIX por Elliot (1847), Keller & Keller (1865), Borba (1908), Metraux (1948), Nimuendaju (1981) e Meliá et al. (1987). Nos sítios arqueológicos históricos relativos às comunidades espanholas, como Ciudad Real, e missões jesuíticas dos séculos XVI/ XVII, como a de Nuestra Señora de Copacabana, no vale do Piquiri, bem como em aldeias descritas por viajantes dos séculos XVIII a XIX, grande parte dos vestígios tem características Tupiguarani, aparecendo alguns com influência europeia, por exemplo com a presença de alças e bases planas.

As pinturas e gravuras rupestres que ocorrem no Paraná enquadram-se em duas tradições: Planalto e Geométrica. A tradição de pintura denominada Planalto apresenta figuras pintadas geralmente em vermelho, e mais raramente em preto ou amarelo; quase sempre representam animais, ocorrendo associadas a figuras humanas e sinais. A Geométrica, como o próprio nome indica, caracteriza-se por apresentar sinais geométricos, sendo aqui reunidas as gravuras encontradas no vale dos rios Iguaçu e Paraná, e parte das pinturas rupestres que ocorrem nos arenitos Furnas e Itararé.

No baixo rio Iguaçu, no sítio arqueológico Ouro Verde I, sudoeste paranaense, foi caracterizado um conjunto de 500 gravuras, em basaltos e andesitos, predominando representações geométricas, com círculos concêntricos, pontos enfileirados e grades. Parte dessas gravuras pode estar relacionada a, atualmente, ocupação mais antiga do Paraná, o nível inferior do sítio Ouro Verde I,

datado em 9040± 400 anos AP (PARELLADA, 2006), relacionado a populações Umbu. Nesse sítio também ocorrem vestígios mais recentes de grupos Itararé-Taquara, datados em 300 anos AP.

No município de Toledo, junto ao rio São Francisco, em área da construção do eixo da barragem PCH São Francisco foram identificadas várias gravuras rupestres, principalmente círculos concêntricos.

Na área da cachoeira dos Apertados, foi identificado o sítio Recanto Apertados Piquiri I (UTM SAD 69 7.320.148 e 263.916), no município de Formosa do Oeste. Foram registrados bacias de polimento, afiadores e gravuras rupestres, em afloramentos de rochas básicas nas margens do rio Piquiri. As gravuras mediam entre 2 a 15cm, algumas sendo caracterizadas como sulcos alongados, outras geométricas, circulares a elípticas, com profundidades entre 0,5 e 1,5cm.

Arqueologia Histórica

A arqueologia histórica compreende os vestígios deixados pelas diversas populações que habitaram essas áreas a partir do século XVI, coloniais ou posteriores, onde geralmente existe documentação escrita complementar. Estes materiais podem ser caracterizados como filiados à Neobrasileira, ou simplesmente históricos se houver restos construtivos e/ ou louça, vidro, grês e metais associados.

Em 1494, com o Tratado de Tordesilhas, esta região pertencia à Coroa Espanhola, denominava-se Guairá. O Guairá era povoado principalmente por grupos indígenas Guarani e da família linguística Jê, que tiveram contato com os primeiros viajantes europeus, como Aleixo Garcia em 1524 e Cabeza de Vaca em 1541/42, comandantes de expedições que saíam do litoral brasileiro e pretendiam chegar ao Paraguai. Tanto estes viajantes, como também Ulrich Schmidl em 1552/ 53, utilizaram um caminho indígena, rico em ramais, denominado *Peabiru*, que saía da costa do Atlântico e chegava até o Pacífico (MARTINS, s/d; MAACK, 1968; CARDOZO, 1970). Muitos dos ramais do *Peabiru* acabaram originando uma série de estradas dos colonos na conquista e ocupação do território.

A região de estudo fazia parte da Província del Guairá, que possuía como limites: ao norte o rio Paranapanema, ao sul o Iguaçu, a oeste o rio Paraná e a leste as serras de Guarayrú (CARDOZO, 1970; PARELLADA, 1993, 1997). O Guairá, desmembrado da Província do Rio da Prata no final do século XVI, era administrado pelo Governo Geral do Paraguay, que tinha como sede Asunción.

Em 1554, o capitão Garcia de Vergara, enviado pelo governador Irala, fundou a primeira vila espanhola guairena: *Ontiveros*, às margens do rio Paraná, uma légua acima do grande salto. *Ontiveros* teve curta duração, de 1554 a provavelmente 1556. Chmyz (1983) realizou pesquisas intensivas na área, encontrando dois sítios arqueológicos (PRFI82 e PRFO24), que podem representar esta vila. Em 1556, o governador Irala resolveu fundar uma segunda comunidade, e assim enviou o capitão Melgarejo, que ergueu *Ciudad Real del Guairá*, em 1557. Para lá foram transferidos os poucos

habitantes que ainda restavam em Ontiveros, que assim desapareceu. Em Ciudad Real havia uma pequena fábrica de tecidos, além do comércio da erva-mate, e o plantio da cana de açúcar. Atualmente as ruínas de Ciudad Real, sítio arqueológico tombado a nível estadual, situam-se no município de Terra Roxa. Houve várias pesquisas no local: Watson (1947), Silva (1961/62) e Chmyz (1976).

A terceira cidade fundada foi *Villa Rica del Espiritu Santo*, em 1570, pelo capitão Melgarejo, nas proximidades das nascentes do rio Santo Rei, afluente do Cantu. Em 1589, devido a grande epidemia com 4.000 mortes na região, Villa Rica foi transferida para junto ao rio Ivaí (PARELLADA, 1993).

A antiga Villa Rica do Cantu acabou tornando-se o Tambo das Minas de Ferro, onde também havia o processamento, com pequenos foles e fornos, de minerais de ferro extraídos na região.

O Sítio Tambo das Minas de Ferro situa-se no município paranaense de Nova Cantu, a maior parte das ruínas de paredes de muros e construções são em taipa de pilão, inseridas em mata secundária e plantação de aveia da Agropecuária Slaviero. As coordenadas em UTM (SAD 69) do centro do sítio são N=7.272.411, e E=348.919, com altitude de 655m (PARELLADA, 2010).

Em 1589, a cidade de *Villa Rica* foi transferida para a foz do rio Corumbataí no rio Ivaí, por ordem do capitão Guzman. A área urbana da segunda fundação tinha cerca de 300.000m², e ao redor de *Villa Rica* havia muitas chácaras para plantações de subsistência (PARELLADA, 1993, 1995, 1997). A principal atividade econômica na região era a extração da erva-mate, que sofria a concorrência dos ervais da Serra do Maracaju; para extraí-la utilizava-se a mão-de-obra indígena através do sistema de *encomiendas*, um tipo de escravidão mascarada.

Cardozo (1970) observa que os encomendeiros das comunidades espanholas possuíam em suas repartições núcleos de nativos (*pueblos*), dirigidas por clérigos. Parellada (1997) realizou detalhado estudo sobre a ocupação espanhola no Guairá.

A Coroa espanhola fomentou, a partir de 1610, a criação de 15 missões jesuíticas no Guairá, para a efetiva colonização do território e a diminuição da resistência indígena (MCA I, 1951; CARDOZO, 1970). Estas missões, em sua maioria, eram formadas sobre antigas aldeias Guarani, conforme relatos de Montoya (1985). A duração destas missões foi curta, pois já em 1631 todas elas já haviam sido destruídas pelos bandeirantes paulistas, que capturavam índios para trabalhos escravos. A maior parte delas tem localização incerta, tendo-se apenas aproximações de onde elas devem estar situadas.

Os bandeirantes, apesar de destruírem as cidades espanholas (até 1632) e as missões jesuíticas do Guairá, continuaram transitando por aquela região, para capturar índios até o sul do rio Uruguai.

Em 1765, o governador da Província de São Paulo, D. Luiz Antonio de Souza Botelho Mourão, toma posse, e inicia várias expedições aos sertões do Tibagi, Piquiri, Ivaí e Iguaçu. Em 1772, Joaquim Moraes Sarmento e Fabiano Alves Ferreira, oriundos da Fortaleza do Iguatemi, encontraram as ruínas de *Ciudad Real*, erguendo um pequeno posto militar, São José da Pedra Furada do Piquiri,

que existiu até 1773 (FERREIRA, 1906). Os relatos etnográficos e de viajantes sobre essa região descrevem a presença de várias aldeias Guarani e Jê até o século XIX (PARANÁ, 1899; BORBA, 1908; METRAUX, 1927, NIMUENDAJU, 1981, MOTA, 1998).

No século XIX, as viagens de exploradores e naturalistas europeus foram complementadas por outros especialistas, como engenheiros e geólogos do Governo Imperial. No sul do Brasil, o Barão de Antonina encarrega Joaquim Francisco Lopes (o Guia Lopes) e João Henrique Elliot de realizarem viagens nos sertões do Paraná e Mato Grosso, entre 1844 e 1848.

As explorações oficiais, realizadas na segunda metade do século XIX, tinham o propósito, muitas vezes, de estudar a possibilidade de implantação de vias de comunicação a locais de difícil acesso; preocupação estimulada com a Guerra do Paraguai (LOVATO, 1974).

Entre 1864 e 1870 acontece a Guerra do Paraguai, onde o conflito entre Argentina e Brasil contra o Paraguai provocam muitas baixas e derrotas do lado paraguaio, e a região de fronteira acaba sendo documentada como um local onde havia aldeias Guarani e Jê, além de casas dispersas de comerciantes e exploradores de erva-mate e madeira, de várias nacionalidades.

No final do século XIX, Telêmaco Borba (1908) relatou que alguns grupos Kaingang viviam no baixo Piquiri, além das margens do Ivaí e do Iguaçu. Nimuendaju (1982) faz referências a existência, nesta região, de indígenas Gualachi no século XVII, Chiqui em 1628/ 1640, Bituruna em 1690, além de Kaiguá e Guarani em 1855. Em 1876, Telêmaco Borba (1908) e seu irmão visitaram Ciudad Real encontrando, a 30m das margens do Piquiri, muros desmoronados, alguns com 2m de altura.

Em 1882, fundou-se a Colônia Militar do Chopim, que visava a defesa da fronteira e arregimentar índios, que acabou sendo desativada com a instalação da Colônia Militar de Foz do Iguaçu, em 1889 (BOUTIN, 1977). Chmyz (1977) relaciona parte dos sítios históricos da tradição Neobrasileira, fase Assuna, a este período de ocupação, iniciado com as expedições do final do século XVIII.

Entre 1885 e 1886 houve a expedição comandada por José Francisco Thomas do Nascimento (1886), que buscava acesso entre Guarapuava e o rio Paraná, e de áreas para fundar novas colônias militares. Nesta viagem houve o encontro com várias lideranças Kaingang que habitavam a região entre os baixos vales dos rios Ivaí, Piquiri e Iguaçu, ver Laroque (2007) e anotações no mapa do Paraná de 1896. No vale do rio Piquiri, aparecem apontados neste mapa de 1896 um Caminho dos Índios Coroados/ Kangang, o toldo de Jongho, líder Kaingang do final do século XIX, e o toldo de Pinhãozinho, localizado nas nascentes de rio de mesmo nome, nas proximidades da cidade de Ubitatã.

Entre 1924 e 1925, houve no oeste paranaense a convergência de revoltosos da Coluna Prestes, era a crise do pós-guerra que revelava o descontentamento popular e divergências profundas na condução da política brasileira. Houve trincheiras, e a tomada de Guaíra e Foz do Iguaçu, além da disputa de uma estação telegráfica por legalistas e revolucionários (MANFREDINI, 2010). No vale do

rio Piquiri, nos municípios de Ubitatã e Nova Aurora, já foram identificados vestígios desse conflito: cartuchos de fuzis, trincheiras e sepultamentos com pedras, conforme relatos de moradores.

Na Serra dos Dourados, entre os vales dos rios Ivaí e Piquiri, entre 1950 e 1955 foram contactados índios Xetá, da família linguística Tupi-Guarani, vivendo em acampamentos, por colonizadores da região (KOZAK et al., 1981). Borba (1904, 1908) também relata a existência destes índios, por ele chamados de Aré ou Botocudos do Ivaí, que viviam cativos entre os Kaingang. Nimuendaju (1981) denominou-os Ivaparé, localizando-os entre os vales do Ivaí e Piquiri.

Com esta síntese da arqueologia, pode ser observada a diversidade de populações que já ocupou o vale do rio Piquiri, e a necessidade da ampliação de pesquisas arqueológicas na região para aumentar a compreensão sobre a história e a memória do Paraná.

Referências Bibliográficas

- AMBROSETTI, J.B. Los cementerios pré-históricos del alto Paraná (Misiones). **Boletim del Instituto Geográfico Argentino**, Buenos Aires, v.16, p.227-257, 1895.
- ASHMORE, W.; KNAPP, A.B. (ed.). **Archaeologies of landscapes: contemporary perspectives**. Oxford: Blackwell Publishers, 292p. 1999.
- BEHLING, H.; PILLAR, V.D.P.; ORLÓCI, L.; BAUERMAN, S.G. Late Quaternary *Araucaria* forest, grassland (Campos), fire and climate dynamics, studied by high-resolution pollen, charcoal and multivariate analysis of the Cambará do Sul core in southern Brazil. **Palaeogeography, Palaeoclimatology, Palaeoecology**, v.203, n.3-4, p.277-297. 2004.
- BELLUZZO, A.M.M.; AMOROSO, M.R.; SEVCENKO, N.; PICCOLI, V. **Do contato ao confronto: a conquista de Guarapuava no século XVIII**. São Paulo: BNP- Paribas, 2003.
- BINFORD, L.R. **En busca del pasado: descifrando el registro arqueológico**. Traducción Pepa Gasull. Barcelona: Editorial Crítica, 283p. 1988.
- BLASI, O.; PASTINA Fº, J.; PONTES Fº, A. Primeiras notícias sobre a descoberta dos vestígios do provável assentamento do Tambo das minas de ferro na antiga província do Guairá. **Estudos Ibero-Americanos**, v.15, p.235-244, 1989.
- BORBA, T.M. **Actualidade indígena**. Curitiba, Typ. e Lytog. a vapor Impressora Paranaense, 1908.
- BOUTIN, L. Colônias militares do Paraná. **Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense**. v.33, p.13-68, 1977.
- BROCHADO, J.J. A tradição cerâmica Tupiguarani na América do Sul. **Clio**, Recife, n.3, p.47-60, 1980.
- CARDOZO, R.I. **El Guairá, historia de la antigua provincia (1554-1676)**. Asunción, El Arte. 1970.
- CHMYZ, I. Considerações sobre duas novas tradições ceramistas arqueológicas no Estado do Paraná. **Pesquisas, Antropologia**, São Leopoldo, n.18, p.115-125, 1968a .
- _____. Breves notas sobre petroglifos no segundo Planalto Paranaense (Sítio PR UV 5). **Revista do CEPA-UFPR**, Curitiba, n.1, p. 53-63, 1968b.
- _____. Novas manifestações da tradição Itararé-Taquara no Estado do Paraná. **Pesquisas, Antropologia**, São Leopoldo, n.20, p.121-129, 1969.

- _____. Arqueologia e história da vila espanhola de Ciudad Real do Guairá. **Cadernos de Arqueologia**, Museu de Arqueologia e Artes Populares de Paranaguá- UFPR, n.1, p.7-103, 1976.
- _____. Pesquisas paleoetnográficas efetuadas no vale do rio Paranapanema, Paraná - São Paulo. **Boletim de Psicologia e Antropologia - UFPR**, Curitiba, n.5, 247p. 1977.
- _____. (coord.) **Sétimo relatório das pesquisas realizadas na área de Itaipu (1981-3)**. Curitiba: IPHAN/ ITAIPU, 1983.
- CHMYZ, I.; CHMYZ, J.C.G.; BROCHIER, L.L. **Relatório de levantamento dos bens arqueológicos associados às ruínas de Ciudad Real del Guayrá**. Curitiba, março de 1999.
- CHMYZ, I. & SAUNER, Z.C. Nota prévia sobre as pesquisas arqueológicas no vale do rio Piquiri. **Dédalo**, São Paulo, n.13, p.7-36, 1971.
- DIAS, A.S. **Repensando a tradição Umbu a partir de um estudo de caso**. 1994. Dissertação (Mestrado), PUC – Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1994.
- ELLIOT, J.H. Resumo do itinerário de uma viagem exploradora pelos rios Verde, Itarare, Paranapanema e seus afluentes, pela Paraná Ivahy, e sertões adjacentes, empreendida por ordem do exmo. Sr. Barão de Antonina. **Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, v.9, n.1, p.17-42, 1847.
- FERREIRA, J.A. Ruínas do Guayra. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo**, São Paulo, n.10, p.95-97, 1906.
- GREHS, E. **Sensoriamento remoto: princípios e aplicações**. São Paulo: Ed. Edgard Blucher, 1980.
- GUZMAN, R.D. **Anais do descobrimento, povoação e conquista do Rio de La Plata**. Documentos Oficiais para a História do Mato Grosso do Sul, Governo de Mato Grosso do Sul, 2009.
- HASSAN, F.A. Sediments in archaeology: methods and implications for palaeoenvironmental and cultural analysis. **Journal of Field Archaeology**, v.5, p.197-213, 1978.
- HODDER, I. **Interpretación en arqueología: corrientes actuales**. 1ed.Barcelona: Editorial Critica, 1988.
- KELLER, J.; KELLER, F. **Exploração do rio Ivahy**. Extrato de Relatório de Presidente de Província, 1865.
- KERN, A. **Le précéramique du Plateau Sud-Brésilien**. École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris (Tese de doutoramento), 1981.
- KOZAK, V.; BAXTER, D.; WILLIAMSON, L. & CARNEIRO, R.L. Os índios Hetá: peixe em lagoa seca. **Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense**, Curitiba, v.38, p.9-120, 1981.
- LAMING, A. & EMPERAIRE, J. A jazida de José Vieira, um sítio Guarani e pré-cerâmico do interior do Paraná. **Arqueologia**, Curitiba, Universidade Federal do Paraná, n.1, 148p. 1959.
- LAMING-EMPERAIRE, A. Missions archéologiques françaises au Chili Austral et au Brésil Méridional: Datation de quelques sites par le radiocarbone. **Journal Soc. Americanistes**, Paris, n.67, p. 77-99, 1968.
- LANATA, J.L. Los componentes del paisaje arqueológico. **Revista de Arqueologia Americana**, Instituto Panamericano de Geografía e Historia. n.13, p.151-165, jul-dic 1997.
- LANGER, J.; SANTOS, S.F. Petróglifos e megálitos no médio rio Iguaçu (PR/ SC). **Ensino & Pesquisa**, UNESPAR, União da Vitória, v.1, n.1, p.74-100, julho 2002.
- LAROQUE, L.F.S. Fronteiras geográficas, étnicas e culturais envolvendo os Kaingang e suas lideranças no sul do Brasil (1889-1930). **Pesquisas**, Antropologia, São Leopoldo, n.64, 2007.
- LOVATO, L. A contribuição de Franz Keller a etnografia do Paraná. **Boletim do Museu do Índio, Antropologia**, Rio de Janeiro, n.1, novembro 1974.

- MAACK, R. **Geografia física do Estado do Paraná**. Curitiba, Papelaria Max Roesner Ltda, 1968.
- MANFREDINI, L. **Sonhos, utopias e armas: as lutas e revoltas que ajudaram a construir o Paraná**. Cadernos Paraná da Gente, n.8, Curitiba: SEEC, 2010.
- MARTINS, R. **Museu Paranaense: catalogos e estudos**. Curitiba: Livraria Mundial, 1925.
- MCA I MANUSCRITOS DA COLEÇÃO DE ANGELIS I. **Jesuítas e Bandeirantes no Guairá (1549-1640)**. Introdução por Jaime Cortesão. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, 1951.
- MELIÁ, B.; SAUL, M.V.A.; MURARO, V.F. **O Guarani: uma bibliografia etnológica**. Santo Ângelo: FUNDAMES, 1987.
- METRAUX, A. The Guarani. In: STEWARD, J.H. (ed.). **Handbook of South American Indians**. Washington D.C.: Bureau of American Ethnology, Bul. 143, 1948.
- MONTEIRO, J.M. **Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo**. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.
- MONTOYA, A.R. **Conquista espiritual feita pelos religiosos da Companhia de Jesus nas Províncias do Paraná, Paraguai, Uruguai e Tape**. Porto Alegre, Martins Livreiro Ed., 1985.
- MOTA, L.T. **O aço, a cruz e a terra: índios e brancos no Paraná provincial (1853-1889)**. Tese de doutorado. Assis: UNESP. 531p. 1998.
- NASCIMENTO, J.F.T. Viagem feita por José Francisco Thomaz do Nascimento pelos desconhecidos sertões de Guarapuava, Província do Paraná, e relações que teve com os índios Coroados mais bravios daquelles lugares. **Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro**, Rio de Janeiro, t. XLIX, v. 2, p.267-281, 1886.
- NIMUENDAJU, C. **Mapa etno-histórico de Curt Nimuendaju**. Rio de Janeiro, IBGE, 1981.
- NOELLI, F.S.; MOTA, L.T.; SILVA, F.A. Pari: armadilha de pesca no sul do Brasil e arqueologia. **Coleção arqueologia**, Porto Alegre, v.1, 2:435-446, 1996.
- _____.; NOVAK, E.; DOESWIJK, A.L. Levantamento arqueológico na área da Lagoa Xambrê, município de Altônia, Paraná. **Fronteiras**, UFMS, Campo Grande, n.1, 1997.
- OLIVEIRA, J.A. **História da arqueologia paranaense: um balanço da produção arqueológica no Estado do Paraná no período de 1876-2001**. Dis. Mestrado, História/ UEM, Maringá, 2002.
- PARELLADA, C.I. Identificação de sambaquis através de análise fotointerpretativa na baía de Guaraqueçaba-PR. **Boletim Geografia Univ. Estadual Maringá**, v.1, p.97-103, 1989.
- _____. Villa Rica del Espiritu Santo: ruínas de uma cidade colonial espanhola no interior do Paraná. **Arquivos do Museu Paranaense, nova série arqueologia**, n.8, 1993.
- _____. Análise da malha urbana de Villa Rica del Espiritu Santo (1589-1632)/ Fênix-PR. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo**, n.5, p.51-61, 1995.
- _____. **Um tesouro herdado: os vestígios arqueológicos da cidade colonial espanhola de Villa Rica del Espiritu Santo/ Fênix - PR**. Dissert. Mestrado, Depart. Antropologia/ UFPR, 1997.
- _____. **Estudo arqueológico no alto vale do rio Ribeira: área do gasoduto Bolívia-Brasil, trecho X, Paraná**. Tese de Doutorado em Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, www.teses.usp.br, 271p., 2006.
- _____. Tecnologia e estética da cerâmica Itararé-Taquara no Paraná: dados etno-históricos e o acervo do Museu Paranaense. **Revista de Arqueologia**, Sociedade de Arqueologia, v.21, n.1, 2008.
- _____. **Relatório final dos diagnósticos arqueológicos e das análises de impactos das PCH's Cantu 1 e 3, vale do rio Cantu, Paraná**. Curitiba, IPHAN, Museu Paranaense, 2009.
- _____. **Relatório final do diagnóstico arqueológico (não interventivo) e da análise de impactos da PCH Água Limpa, Paraná**. Curitiba, IPHAN/ Museu Paranaense, 2011a.

- _____. **Relatório final do diagnóstico arqueológico e da análise de impactos da PCH Porto da Bota, vale do rio Piquiri, Paraná.** Curitiba, IPHAN/ Museu Paranaense, 2011b.
- _____. et al. **Estudo arqueológico e de educação patrimonial no vale do rio Piquiri, Paraná.** Curitiba, Museu Paranaense, 2012.
- PREUCCEL, R.W.; HODDER, I. (ed.). **Contemporary archaeology in theory: a reader.** Oxford, 1996.
- SABINS JR, F.F. **Remote sensing, principles and interpretation,** 2nd ed. New York: W.H. Freeman and Company, 1987.
- SCHMITZ, P.I. **Caçadores e coletores da pré-história do Brasil.** São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas/ UNISINOS. 1984.
- _____. Áreas arqueológicas do litoral e do planalto do Brasil. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia,** São Paulo, n.1, p. 13-20, 1991.
- SILVA, F.A. Considerações sobre alguns sítios Tupi-Guarani no sul do Brasil. **Revista do Museu Paulista, nova série,** São Paulo, v. 13, p. 377-397, 1961-62.
- TAUNAY, Afonso E. **História geral das bandeiras paulistas,** t. I, São Paulo, Typ. Ideal, 1924.
- TAUNAY, Alfredo E. Os índios Caingangs (Coroados de Guarapuava). **Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro,** Rio de Janeiro, suplemento ao tomo LI, p. 251-310, 1888.
- URBAN, G. A história da cultura brasileira segundo as línguas nativas. In: CARNEIRO DA CUNHA, M. **História dos índios no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras - Secretaria Municipal de Cultura – FAPESP, 1992. p.87-102.
- WATSON, V.D. Ciudad Real: A Guarani-Spanish site on the alto Paraná river. **American Antiquity,** v.13(2), p.163-176, 1947.